

## Registros RSI em Lacan

1953 – O Simbólico, o Imaginário e o Real e 1974/75 – R.S.I Seminário 22

Nataniel Cezimbra

Como trabalho de encerramento da disciplina de Psicanálise, o presente texto tem como objetivo trazer elementos de reflexão sobre um dos temas essenciais da obra de Lacan, que são os registros RSI (Real, Simbólico e Imaginário)<sup>1</sup>. Esta tríade aparece em uma palestra em 8 de julho de 1953, com o título O Simbólico, o Imaginário e o Real, e volta a ganhar predominância na reflexão de Lacan ao longo dos anos de 1974 e 1975, na forma de palestras e estudos que formaram o corpo do Seminário 22. Obviamente que demarcar estes dois momentos não circunscrevem isoladamente o tratamento desta tríade que irá aparecer em toda a obra de Lacan, e como enfatiza Jacques-Allain Miller: “...a conferência[1953] constitui a apresentação temática inaugural da famosa tríade que sustentará de ponta-a-ponta a elaboração de Lacan ao longo das três décadas seguintes, até se tornar seu objeto essencial não apenas conceitual, mas matemático e material, sob a forma do nó borromeano e seus derivados”. O texto abaixo, divide-se nestes dois momentos da obra de Lacan, buscando trazer principalmente o que encontramos neles de definição destes registros.<sup>2</sup>

### O Simbólico, o Imaginário e o Real (1953)

Lacan inicia sua palestra determinando um grau elevado de importância da sua tríade: “tentarei dizer esta noite, muito simplesmente, dizer algumas palavras sobre o que significa a confrontação desses três registros bem distintos que são, efetivamente, os registros essenciais da realidade humana e que se chamam simbólico, imaginário e real.” Em “A Tópica do Imaginário”, do Seminário I sobre Os Escritos Técnicos de Freud, Lacan já havia dado significativo valor aos registros afirmando: “sem esses três sistemas de referências [Real, Simbólico e Imaginário], não é possível compreender a técnica e a experiência freudianas.”

A primeira aproximação do ternário refere-se ao termo Imaginário, neste discurso, Lacan inicia demonstrando a diferença de ordem entre as satisfações ilusórias do sujeito e as satisfações que encontram seu objeto no real (“real puro e simples”, como salienta). Esta divergência demonstraria a possibilidade de reversibilidade dos distúrbios neuróticos, pois a “economia de satisfações” dos mesmos é menos ligada a “ritmos orgânicos fixos”. Para Lacan a natureza desta satisfação imaginária só pode ser encontrada nos registros sexuais e de reprodução, e ocorre por deslocamento: “Assim, formulamos que um comportamento pode se tornar imaginário quando sua orientação a partir de imagens, e seu próprio valor de imagem para um outro sujeito, o torna suscetível de deslocamento fora do ciclo que assegura a satisfação de uma necessidade natural. A partir daí, o comportamento neurótico pode ser considerado elucidado no nível da economia instintiva.” Portanto, para o psicanalista francês a satisfação ilusória se aproxima da fantasia, do fetiche, habita o campo dos registros sexuais, porém, se

1) Vale uma pequena nota, como um breve anedotário, que em essência remonta ao sentido simbólico da teoria lacaniana, que a sequência das palavras RSI aparece mais intensamente a partir do Seminário 22, que o tem como título o próprio acrônimo, e que brinca com o termo “heresia”, por possuir semelhante fonética em francês “hérésie”, RSI. Anteriormente veremos diversas referências aos registros SIR, anterior ao nó borromeano, que em termos teóricos parece trazer implicitamente uma melhor apresentação da subordinação entre o Imaginário e o Simbólico e o caráter residual do Real.

2) Por economia de tempo e de não extrapolar a finalidade a que se destina o presente trabalho, delimitamos o escopo de análise do Seminário 22 apenas na segunda e na terceira palestra, ocorridos em 10/09/1974 e em 17/12/1974 respectivamente. O Seminário 22 é um conjunto de 12 palestras, ou lições, que ocorreram, adicionalmente as duas apresentadas neste texto, em 19/11/1974, e no ano de 1975, nas datas de 14/01, 21/01, 11/02, 18/02, 11/03, 18/03, 08/04, 15/04 e finalmente 13/05.

difere da satisfação no real (referência ao Gozo), e sua prova estaria na reversão da neurose, isto é, no seu deslocamento libidinal.

Não obstante, esta satisfação ilusória, ou, imaginária, requer uma imagem, uma busca por sentido, insurge como uma imagem de um corpo. Lacan exemplifica a sua teorização, de modo singularmente direto: *“que um homem possa ejacular a vista de uma pantufa não nos surpreende, tampouco que se sirva dela para levar o cônjuge a se sentir mais bem disposto, mas certamente ninguém pode imaginar que uma pantufa possa servir para aplacar a necessidade, mesmo extrema, de um indivíduo.”* Todavia, Lacan adverte que o imaginário não se confunde com o campo analisável, isto é, não basta que um fenômeno represente um deslocamento, que se inscreva nos fenômenos imaginários para ser um fenômeno analisável, um fenômeno só é analisável caso represente outra coisa que ele próprio. Em seu exemplo, a pantufa seria o deslocamento do órgão feminino, portanto, haveria a necessidade da elaboração a partir deste dado primitivo, caso contrário seria inalisável. Outro ponto importante, que Lacan salienta, é da importância da experiência analítica presente na troca entre analisando e analista, pois como o imaginário tem valor estritamente simbólico, ele se apresenta com um sentido completamente diferente de acordo com os momentos do diálogo e da análise. De acordo com Lacan, toda relação analisável, interpretável simbolicamente, está sempre inscrita em uma relação à três. Ou seja, reside na própria estrutura da fala, sendo que, o que pode ser realizável libidinalmente entre dois sujeitos exige mediação. Portanto, parafraseando o autor: *“toda a relação a dois é sempre mais ou menos marcada pelo estilo do imaginário.”*

Seguindo na palestra, Lacan toma um desvio inesperado, para expandir o conceito de imaginário. Definindo a função imaginária do eu como unidade do sujeito alienado em relação a si mesmo, ou seja, de que o sujeito só pode se reconhecer alienando-se, abolindo o alter ego do eu. A este processo Lacan chama de agressividade. E a linguagem, a fala mediadora entre os homens, é o que permite a eles transcender a relação de agressividade fundamental com a “miragem do semelhante”. É esta linguagem, mediadora, a fala, que constitui a realidade. Deste modo, o simbólico é o que o sujeito se engaja em uma relação humana.

Por fim, Lacan apresenta as relações da experiência analítica, do começo ao fim, orientada a partir da combinatória dos registros (figura 1), ou seja, orientada na ordem do processo analítico, em que este ciclo se repete diversas vezes:

$$rS - rI - iR - iS - sS - \\ SI - SR - rR - rS,$$

figura 1

Sendo :

rS) A posição de partida, onde o analista é um símbolo, de onipotência, de autoridade, de mestre, “é o senhor que tem a minha verdade”.

rl) A realização da imagem, instauração narcísica, sujeita age em resistência.

il<sup>3</sup>) A relação Imaginação/Imagem, captação da imagem de natureza instintiva.

3) A relação il, de Imaginação/Imagem, ou Imaginário-Imaginário não aparece no esquema apresentado por Lacan, porém ele o designa como de natureza biológica, instintiva, da captura da imagem. Como o duplo rR, ou seja, a do fim do ciclo analítico, do Real-Real, do impossível, impensável, inacessível, com ele mesmo, e o qual o sujeito estaria defrontando uma nova realidade, é possível deduzir que o Simbólico e o Imaginário necessariamente precisam intermediar, através da linguagem, seja da fala ou do inconsciente, não em oposição ou exclusão, o processo analítico. Restando apenas ao sS, o simbólico sobre o simbólico, a relação de duplicidade possível, e que permite a Interpretação.

iR) Imagem é transformada em resistência, transferência negativa, delírio que existe na análise.

iS) Condicional, se o paciente não é psicótico e fica na posição iR, ele passa para a iS, a imaginação do símbolo (por exemplo, o sonho). É o que se chama erroneamente de comunicação dos inconscientes. É a parte própria da análise.

sS) A inversão, ou seja, o início do processo de interpretação (o anterior é a fase imaginária), ou de simbolização da imagem em outros termos. Simbolização do símbolo.

SI) A fase sS-SI é a de elucidação do sintoma pela interpretação.

SR) Lacan enfatiza, não se trata de analisando de se adaptar a um real definido, organizado, mas de fazer reconhecer sua própria realidade, seu desejo.

rR) Última fase do ciclo, que é impropriamente designado como a neutralidade benevolente do analista, postura não contratransferencial, que se apoia na ideia de que todas as realidades são equivalentes, que o real é o racional.

Ao final da palestra, na abertura para perguntas, Lacan é confrontado com a seguinte questão: *“o senhor falou do simbólico, do imaginário. Mas havia o real, sobre o qual não falou.”* Pergunta que Lacan pouco traz sobre a definição do real, esboçando em poucas linhas que o real é ou o a totalidade ou o instante esvanecido, que é sempre o choque com alguma coisa, como o silêncio do analista.

Em suma, a tríade ou a topologia lacaniana do RSI, nesta palestra de 1953, é apresentada dando-se ênfase ao registro do Imaginário, ao menos nos conceitos de:

- i) As satisfações imaginárias do sujeito são de natureza sexual e aparecem por deslocamento;
- ii) O Imaginário tem valor simbólico, isso ocorre pela busca de sentido, que numa experiência analítica está sujeito a mudanças;
- iii) A função imaginária do Eu necessita da linguagem, subordinação do simbólico, para se estabelecer uma relação humana e de construção da realidade;

Por sua vez, o RSI é apresentado pela primeira vez em um esquema de ocorrência combinatória durante a experiência analítica. Este processo composto de duas partes, a da fase imaginária e da interpretação, esquematiza as relações entre o simbólico, o imaginário e o real, sem ainda um formalismo matemático, mas como demarcadores de etapas, em que:

- i) [rS-rl-ii] – Fase de defrontação com o analista, de introspecção das imagens da relação analítica, surgimento das resistências e transferência;
- ii) [iR-iS] – Momento crítico, em que o sintoma aparece e a análise se inicia efetivamente, momento em que o psicótico não transcende, e que os demais pacientes prosseguem, de relação entre o imaginário e o simbólico;
- iii) [sS-SI-SR-rR] – Momento do início da interpretação até o seu fim com a imposição da neutralidade contratransferencial do analista.

Por fim, Lacan parece negligenciar o termo Real, em que instigado por um questionamento de um dos membros da Sociedade Francesa de Psicanálise ao final da palestra, dá uma definição vaga sobre este registro:

- i) O Real é o choque com alguma coisa, como o silêncio do analista. Ou seja, em termos mais interpretativo dos diversos autores que estudam a obra lacaniana, o real seria o indizível, o impensável, o resto que fica não elaborado.

4) Lacan narra como exemplo do trajeto RSI da Angústia, o caso do Pequeno Hans, que a associação com um corpo masculino, de um Gozo Fálico (Real), e que gera um constrangimento (Imaginário), é inventada toda uma série de equivalentes variados (Simbólico) na forma da chamada fobia dos cavalos.

### Seminário 22 (1974/1975)

Em 10/09/1974, Lacan inicia a palestra afirmando que iria tratar naquele ano do Real, e o define: “ poder-se-ia dizer que o Real é o que é estritamente impensável. ” Logo em seguida afirma que a única forma encontrada de dar uma medida comum aos três termos (RSI) seria o nó borromeano (figura 2): “este nó consiste estritamente no fato de que três é o mínimo. (...) É a saber, que se de três vocês rompem um dos anéis, eles ficam livres, todos os três, ou seja, os dois outros se soltam.(figura 3)” Lacan faz então duas discussões breves e acessórias, uma sobre a hipótese de evolução do nó em dois registros para questionar a que domínio o nó pertence, e conclui que ele pertence ao Imaginário, e depois uma discussão sobre a hipótese de representação de duas linhas retas sobrepostas a um círculo. Mais adiante Lacan, insere quatro elementos nas intersecções dos laços (figura 4) que ele chama de funções: i) sens (sentidos) ii) JA (jouissance, Gozo Outro) e JΦ (jouissance, Gozo fálico) e iii) o objeto (a). Adicionando elementos na construção teórica do nó borromeano, Lacan retoma três conceitos freudianos de Angústia, Inibição e Sintoma, colocando-os como “figuras de um buraco” (figura 5) no nó borromeano. Contudo, as dinâmicas das expansões destes “buracos” são peculiares para entendimento da teoria lacaniana, por exemplo, a Inibição se expande no simbólico, porém sofre o “efeito de parada” (*effet d’arrêt*) do funcionamento do Imaginário causada da intrusão no Simbólico. Por sua vez, a Angústia surge do Real e se expande no Imaginário, enquanto o Sintoma é o efeito do Simbólico sobre o Real, tendo a sua expansão de ser entendida como “dano”. Nota-se que, há um último elemento a ser tratado nesta representação, a de que o Inconsciente é um campo aberto pelo Simbólico no Imaginário, e dado que nesta topologia as superfícies respondem umas às outras, Lacan termina a palestra chamando a atenção que o Inconsciente pode ser responsável pela redução do Sintoma.

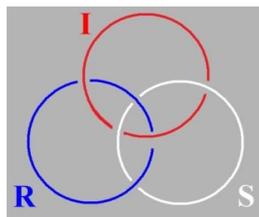


figura 2

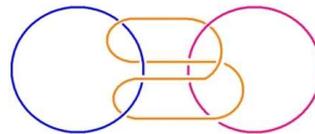


figura 3

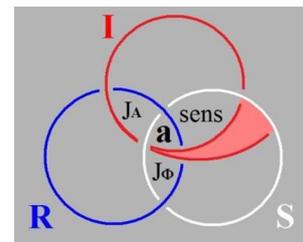


figura 4

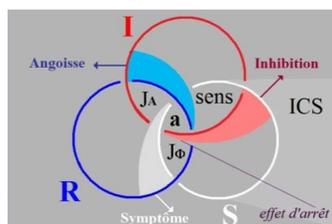


figura 5

3) A relação *il*, de Imaginação/Imagem, ou Imaginário-Imaginário não aparece no esquema apresentado por Lacan, porém ele o designa como de natureza biológica, instintiva, da captura da imagem. Como o duplo *rR*, ou seja, a do fim do ciclo analítico, do Real-Real, do impossível, impensável, inacessível, com ele mesmo, e o qual o sujeito estaria defrontando uma nova realidade, é possível deduzir que o Simbólico e o Imaginário necessariamente precisam intermediar, através da linguagem, seja da fala ou do inconsciente, não em oposição ou exclusão, o processo analítico. Restando apenas ao *sS*, o simbólico sobre o simbólico, a relação de duplicidade possível, e que permite a Interpretação.

Em 17 de dezembro de 1974, Lacan inicia a palestra afirmando que o nó borromeano é uma escritura que suporta o Real, para logo então apresentar o Real como uma linha infinita (figura 6). Lacan enfatiza que irá fazer três observações introdutórias, sendo que a primeira se refere a questão se o nó é um modelo matemático, como os quais usamos para extrapolar o Real. O psicanalista repudia o uso deste termo, declarando que o modelo se situa no Imaginário, pois supõe um espírito que dê substância a este modelo, e que as questões que ele formula são colocadas secundariamente no Real. Então Lacan sustenta que por estar no Imaginário, o nó ganha consistência, os registros realmente ligam-se entre si, o que implica uma metáfora, o que o leva a questionar-se sobre qual o desvio de sentido máximo e erro possível, qual seu limite, ou: *“qual é a substituição máxima admissível de um significante por outro?”* Ao que ele próprio se rende no pragmatismo frente ao nó borromeano, de usá-lo tolamente, o que significa ser enganado por ele, e de que não devemos entrar em dúvidas obsessivas sobre isso, “nem discutir demais”. Lacan sobre isso afirma, talvez dando ênfase a análise em relação ao foco matemático ou linguístico: *“Não é certamente com a ajuda deste nó que podemos ir mais longe do que de onde ele vem, ou seja, da experiência analítica. É a experiência analítica que ela representa, e esse é o seu preço.”*

Uma outra observação que Lacan faz, é sobre o Gozo. Dado que o Gozo é “outra coisa além do sentido”, um “ex-sistir”, um “significante desprovido de sentido”, ele se insere dentro dos nós como um buraco, fura suas consistências. Segundo Lacan: *“è no Real, como fazendo buraco, que o Gozo ex-siste.”* Lacan tece alguns comentários sobre a figura 7 relacionadas a natureza do Gozo Fálico, sua inserção entre o Real e o Simbólico, e, sobre o Gozo Outro (“Gozo que interessa não ao Outro do significante, mas ao Outro do corpo, ao Outro do outro sexo”). Ademais, retoma a sua afirmação teórica que “não existe relação sexual” demonstrando que a Angústia surge, permeia pelo trajeto R-S-I pelos limites do Gozo e dos Sentidos<sup>4</sup>, sendo que o Sentido dá a consistência, o  $J\Phi$  está relacionado a Ex-sistência e o JA ao buraco. Por último, Lacan complementa, acrescentando as instâncias freudiana de Angústia, Inibição e Sintoma, o nó borromeano (figura 7), bem como apresenta uma tabela (figura 8) com estes conceitos na diagonal, e as suas relações com demais conceitos graduados pelos títulos de Dificuldade e Movimento. Sobre esta tabela, Lacan nada acrescenta de definições teóricas nesta palestra.

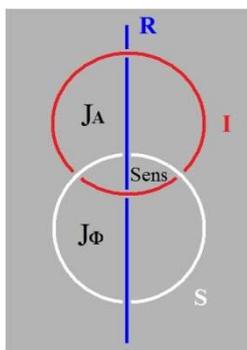


figura 6

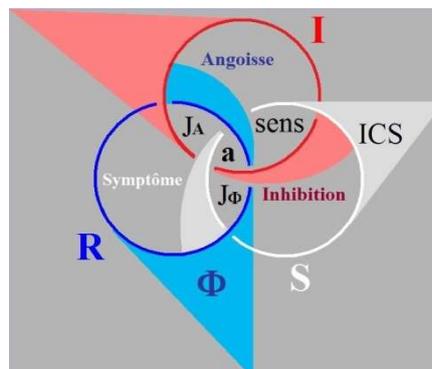


figura 7

4) Lacan narra como exemplo do trajeto RSI da Angústia, o caso do Pequeno Hans, que a associação com um corpo masculino, de um Gozo Fálico (Real), e que gera um constrangimento (Imaginário), é inventada toda uma série de equivalentes variados (Simbólico) na forma da chamada fobia dos cavalos.

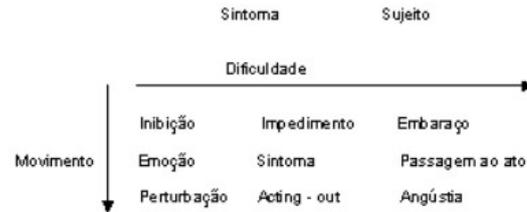


figura 8

Algumas conclusões sobre o presente trabalho:

- i) uma de caráter banal, porém necessária, sobre a não trivialidade do trabalho teórico de Lacan, e a necessidade de uma interpretação minuciosa e em aberto de suas preposições, ou, das particularidades e idiossincrasias contidas na sua metalinguagem. Mesmo quando propõe uma fórmula sequencial das relações combinatórias do RSI para descrever o que acontece no processo analítico, ou quando cria uma tópica-topologia do nó para expressar visualmente as relações, intersecções e dinâmica do RSI, e dos demais elementos lacanianos (Gozo, objeto a, Sentido, etc), Lacan exige recorrências e amplitudes de leituras ampla de sua obra e principalmente no que ela tem como fundo e sustentação, sempre, que é a obra de Freud;
- ii) outra de caráter didático, quando fazemos as leituras comparativas do SIR (1953) e do Seminário 22, percebemos as expressivas diferenças e sobretudo do percurso de construção do que se convencionou chamar de primeira clínica lacaniana baseada no Simbólico e no Imaginário, e que cursa as décadas de 50 e 60 e a segunda clínica que se inicia na década de 70 e permanecerá até o fim da vida de Lacan, e que irá privilegiar o Real. Talvez a mais marcante diferença encontrada nesta leitura é a apresentação de uma teoria no primeiro momento voltada as funções imaginárias do Eu e que tem como base a linguística, para um estudo do Inconsciente e do Sintoma, fundada na matemática, na segunda fase. Talvez outra divisão sensível, e arbitrária, possível de exagero, seja a de pensar num momento focado no Sujeito e outro no Desejo;
- iii) por fim, o exercício serviu como uma “catapulta”, tem um caráter de futuro, de estimular posteriores estudos com objetivo de aprofundamento na teoria e clínica lacaniana, sobretudo em duas frentes imediatas: a) leitura de Inibição, Sintoma e Angústia (1925) de Freud, devido ao uso destes conceitos no nó borremeano como intersecções do RSI, e b) Seminário 23, dedicado ao Sintoma, de forma a complementar o conceito de furo no Real, sua redução pelo Inconsciente e relação com demais elementos de Lacan.

Referências:

Lacan, Jacques. Nomes-do-Pai, Rio de Janeiro, Editora Zahar 2005.

Lacan, Jacques. Escritos, Rio de Janeiro, Editora Zahar 1998.

Lacan, Jacques, R.S.I. O Seminário 22, <http://staferla.free.fr/S22/S22.htm>

3) A relação il, de Imaginação/Imagem, ou Imaginário-Imaginário não aparece no esquema apresentado por Lacan, porém ele o designa como de natureza biológica, instintiva, da captura da imagem. Como o duplo rR, ou seja, a do fim do ciclo analítico, do Real-Real, do impossível, impensável, inacessível, com ele mesmo, e o qual o sujeito estaria defrontando uma nova realidade, é possível deduzir que o Simbólico e o Imaginário necessariamente precisam intermediar, através da linguagem, seja da fala ou do inconsciente, não em oposição ou exclusão, o processo analítico. Restando apenas ao sS, o simbólico sobre o simbólico, a relação de duplicidade possível, e que permite a Interpretação.

Anotações:

[1] “O Simbólico remete a compreensão do Significante. O Significante não tem sentido algum para Lacan. O sentido ocorre nas relações das cadeias de Significantes. O Imaginário tem a ver com a Imagem do Corpo, do Estádio do Espelho e o Campo do Sentido. O Real é o Umbigo do Sonho, o que nunca se terá acesso, é aquilo que comparece como a pura falta, uma ausência, o Real comparece no Imaginário como furo e/ou buraco, e no Simbólico como a falta de um Significante. O Inconsciente é estruturado como uma linguagem.”

O Simbólico é produzido pela cadeia do Significante, sendo que o Significante é o equívoco fundamental. O Imaginário é o efeito dessa cadeia, o que busca o sentido, a consistência. O Real é o que não é decifrado, sem significação, impensável, irrepresentável, ex-sistência. Na Teoria do Significante reside o Real e o Simbólico, sendo que o Real é aquilo que não há palavra para significar, na psicanálise lacaniana o contato com este Real gera a Angústia. Para Lacan, a estrutura da Metomínia é o Desejo, e a estrutura Metafórica é a do Sintoma.

A criança nasce no Lugar do Grande Outro que é o lugar dos Significantes. A experiência que o bebê tem com a manipulação que é feita com o seu corpo é de relação com o Gozo e não com o Significante. Na estrutura do Gozo predomina o Real, enquanto que na estrutura do Significante predomina o Simbólico. O lugar do Significante está na estrutura da Linguagem, e o lugar do Gozo está no corpo.

Real, Simbólico e Imaginário para Lacan (Explicação Simples) – Nadia Paulo Ferreira.  
[https://www.youtube.com/watch?v=ctx\\_sSfTf7c](https://www.youtube.com/watch?v=ctx_sSfTf7c),  
<https://www.youtube.com/watch?v=oZQrEZDk8K4>

[2] Real é assim chamado por Lacan o campo da “coisa”, do estranho, Unheimlich, do impossível de dizer. È o que é impossível de tomar a forma simbólica, falada, escrita ou dramatizada. È o inassimilável, é o “resto” não devidamente elaborado. O Real existiria além do desejo humano. Responsável pela desestruturação do ser.

O Simbólico organiza os fatos e os acontecimentos, dá sentido ao mundo. O Real é o que está fora da organização e do sentido. O Real não se apresenta, ele estará sempre de fora do exercício analítico. O único encontro com o Real se presentifica no sonho, mais particularmente no “umbigo do sonho”. O Simbólico desempenha uma função complexa, compondo o significado a partir do significante, explicitando o consciente a partir do inconsciente. Assim a ordem simbólica se organiza e condiciona sonhos, sintomas, linguagens, leis, cultura, a função paterna, e por fim, o grande Outro.

Imaginário é o caminho da sexualidade, no qual lecionam a fantasia e o desejo. A imagem faria ou representaria o resíduo material, um elemento simplesmente inanimado, capaz de desempenhar um papel simbólico. Presente no sonho, na alucinação, na esquizofrenia, no pensamento criativo, nos conteúdos oníricos. O ato imaginativo teria o sentido de um acontecimento mágico, capaz de fazer surgir o objeto desejado, se tratando sempre de um imperioso desejo infantil. O Imaginário tem correspondência com o conjunto de símbolos, não tem existência concreta, não se relaciona diretamente a Imagem ou a Imaginação, mas á uma alteridade com o mundo.

*4) Lacan narra como exemplo do trajeto RSI da Angústia, o caso do Pequeno Hans, que a associação com um corpo masculino, de um Gozo Fállico (Real), e que gera um constrangimento (Imaginário), é inventada toda uma série de equivalentes variados (Simbólico) na forma da chamada fobia dos cavalos.*

Sinthoma é o quarto elemento do nó borromeano, trata-se da psicose não sintomática, elemento capaz de promover o enredamento de três elos e evitando seu rompimento.

Com o nó borromeano (1975) Lacan supera o Lacan de 1958, quando o imaginário estava subordinado à dimensão do simbólico, os registros passam a ser entendidos como autônomos, porém interligados pelo sintoma.

Almeida, Wilson Castello de. Fontes do pensamento de Jacques Lacan. São Paulo 2021

---

[3] “O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais.”

“O inconsciente é algo que realmente não conhecemos, mas que somos obrigados a admitir através de compulsivas inferências.”

“O inconsciente é um dos reinos da mente com seus próprios impulsos plenos de desejos, seu modo de expressão próprio, e com seus mecanismos mentais específicos que não vigoram em outros setores.”

“Denominamos inconsciente um processo psíquico cuja existência somos obrigados a supor - devido a algum motivo tal que o inferimos a partir de seus efeitos -, mas do qual nada sabemos. Nesse caso, temos para tal processo a mesma relação que temos com um processo psíquico de uma outra pessoa, exceto que, de fato, se trata de um processo nosso, mesmo. Se quisermos ser ainda mais corretos, modificaremos nossa assertiva dizendo que denominamos inconsciente um processo se somos obrigados a supor que ele está sendo ativado no momento, embora no momento não saibamos nada a seu respeito.”

Freud, Sigmund – Trechos.

*3) A relação il, de Imaginação/Imagem, ou Imaginário-Imaginário não aparece no esquema apresentado por Lacan, porém ele o designa como de natureza biológica, instintiva, da captura da imagem. Como o duplo rR, ou seja, a do fim do ciclo analítico, do Real-Real, do impossível, impensável, inacessível, com ele mesmo, e o qual o sujeito estaria defrontando uma nova realidade, é possível deduzir que o Simbólico e o Imaginário necessariamente precisam intermediar, através da linguagem, seja da fala ou do inconsciente, não em oposição ou exclusão, o processo analítico. Restando apenas ao sS, o simbólico sobre o simbólico, a relação de duplicidade possível, e que permite a Interpretação.*